

É assim que o icônico Sebastião Salgado definia a fotografia. E é como um retorno a um passado coletivo que os jovens resgatam as câmeras antigas e as fotos reveladas

POR AILIM CABRAL E EDUARDO FERNANDES

Você é jovem, sai com os amigos, tira várias fotos com a sua câmera digital, muito provavelmente uma Cybershot, modelo da Sony que é a preferida. Ao chegar em casa, ansioso, conecta o cabo ou o cartão de memória no computador para ver as imagens em uma tela maior e selecionar as suas preferidas. Ao mesmo tempo em que essa cena pode ser tirada diretamente de 2005, ela pode ter acontecido — acredite — na semana passada.

As câmeras digitais, as Polaroids e até as máquinas fotográficas analógicas caíram no gosto dos adolescentes. As gerações Z, jovens nascidos entre 1997 e 2010, e Alfa, os nascidos a partir de 2010, estão entre os protagonistas da tendência. O estudante Augustus de Aguiar Matos, 16 anos, é um deles. E dos bem empolgados, diga-se de passagem. Dono de uma Polaroid e de uma câmera digital, além da analógica só esperando no carrinho de um site de compras, ele conta que sempre gostou de fotografia.

Quando criança, gostava de se sentar no chão da sala e folhear os álbuns de fotos antigas da família. A vontade de ter a Polaroid veio em 2021, quando a máquina ficou em evidência e ele viu nela a chance de ter, assim como os seus pais tinham, mídias físicas com as suas lembranças.

“Uma foto boa sabemos que vamos ter. O celular permite isso. Mas a foto espontânea, que você só tem uma chance de ter, ou aquela com um efeito antigo, são algo diferente e, por isso, tão legal.” De lá para cá, Augustus já reúne algumas centenas das pequenas fotos quadradas dentro da moldura branca. Elas ficam, inclusive, expostas no quarto do jovem. Ele e os amigos usam os cartuchos antigos de filme para expor as imagens.

Dos anos 1990 para os 2000

Em seguida, veio a digital. Com uma irmã 11 anos mais velha e vendo desenhos e filmes dos anos 2000, Augustus ficou empolgado para ter a sua. Cerca de um ano antes da proibição dos celulares durante as aulas, ele comprou a máquina e começou a se aventurar nas fotos. Tempos depois, os amigos começaram a investir também no equipamento. Hoje,



“A memória de todos nós”

ele acredita que mais de 90% das fotos que os colegas tiram é com as câmeras digitais. Para os momentos ficarem ainda mais divertidos e surpreendentes, no início das aulas, eles se reúnem e trocam as câmeras

— alguns têm, inclusive, mais de uma. No fim do dia, destrocam e começam a ver as imagens.

Apesar de para alguns adolescentes a máquina ter sido a única alternativa e a transição ter sido difícil,